

ENTRE GREVES E OCUPAÇÕES

A TRAJETÓRIA DA
ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL
DA UFSM E O
PROTAGONISMO
DO MOVIMENTO
ESTUDANTIL
(1983-2013)

Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador

Editora Executiva

Profa. Dra. Maria de Lourdes Pinto de Almeida – UFSM, Unicamp

Conselho Editorial Educação Nacional

Prof. Dr. Adolfo Ignacio Calderon – PUC/Campinas
Prof. Dr. Afranio Mendes Catani – USP
Prof. Dr. Altair Alberto Fávero – UPF/RS
Profa. Dra. Carina Maciel – UFMS/MS
Prof. Dr. Diego Bechi – UPF/RS
Profa. Dra. Edineide Jezine – UFPB
Profa. Dra. Egeslaine De Nez – UFRGS/RS
Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira – Unicamp/SP
Prof. Dr. Elton Luis Nardi – Unoesc/SC
Prof. Dr. Gildeir Carolino Santos – Unicamp/SP
Prof. Dr. João dos Reis da Silva Junior – UFSCar/SP
Prof. Dr. José Camilo dos Santos Filho – Unicamp/SP
Prof. Dr. José Vieira de Sousa – UnB/DF
Profa. Dra. Lara Carlette Thiengo – UFVGMG – MG
Prof. Dr. Lindomar Boneti – PUC/PR
Prof. Dr. Lucidio Bianchetti – UFSC/SC
Profa. Dr. Ignacio Calderon – PUCC/SP
Profa. Dra. Maria Abadia da Silva – UnB/DF
Profa. Dra. Maria Tereza Ceron Trevisol – Unoesc/SC
Profa. Dra. Maria Vieira Silva – UFU/MG
Profa. Dra. Margarita Victoria Rodrigues – UFMS/RS
Profa. Dra. Marilda Pasqual Scheneider – Unoesc/SC
Profa. Dra. Marília Morosini – PUCRS/RS
Prof. Dr. Paulo Almeida – UFPA/PA
Prof. Dr. Renato Dagnino – Unicamp/SP
Profa. Dra. Romilda Teodora Ens – PUCPR/PR
Profa. Dra. Rosane Sarturi – UFSM/RS
Profa. Dra. Vera Jacob – UFPA/PA

Conselho Editorial Educação Internacional

Prof. Dr. Adrián Ascolani – Universidad Nacional de Rosario/Conicet/Argentina
Prof. Dr. Adrian Cammarota – IDES/Argentina
Prof. Dr. Antonio Bolívar – Universidad de Granada/Espanha
Prof. Dr. Antonio Cachapuz – Universidade de Aveiro/Portugal
Prof. Dr. Antonio Teodoro – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Portugal
Prof. Dr. Enrique Martinez Larrechea – Iusur/Uruguai
Profa. Dra. Fatima Antunes – Universidade do Minho/Portugal
Prof. Dr. Geo Saura – Universidad de Granada – Espanha
Prof. Dr. Jaime Moreles Vazquez – Universidade de Colima/México
Profa. Dra. Maria Carmen Lopez Lopez – Universidade de Granada/Espanha
Profa. Dra. Maria Cristina Parra Sandoval – Universidad del Zulia/Venezuela
Profa. Dra. María Rosa Misuraca – Universidad Nacional de Luján/Argentina
Profa. Dra. María Verónica L. Guerrero – Pontificia Universidad Católica de Valparaíso/Chile
Prof. Dr. Mariano Fernandez Enguita – Universidad de Madrid/ Espanha
Prof. Dr. Norberto Lamarra – Universidad Trés de Febrero – Argentina
Profa. Dra. Olga Cecília Diaz Flores – Universidad Nacional Pedagógica – Colômbia
Prof. Dr. Pablo Garcia – Universidad Trés de Febrero/Argentina
Profa. Dra. Patricia Viera Duarte – Universidad de la Republica/Uruguai

Bruna Surdi Alves
Laura Regina da S.C.M. da Fonseca

ENTRE GREVES E OCUPAÇÕES

A TRAJETÓRIA DA
ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL
DA UFSM E O
PROTAGONISMO
DO MOVIMENTO
ESTUDANTIL
(1983-2013)

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alves, Bruna Surdi

Entre greves e ocupações : a trajetória da assistência estudantil da UFSM e o protagonismo do movimento estudantil (1983-2013) / Bruna Surdi Alves, Laura Regina da Silva Câmara Maurício da Fonseca. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2023. – (Série Educação Geral, Educação Superior e Formação Continuada do Educador)

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-748-0

1. Assistência estudantil 2. Ensino superior – Brasil
3. Movimento estudantil 4. Pesquisa científica 5. Políticas públicas - Brasil I. Fonseca, Laura Regina da Silva Câmara Maurício da. II. Título. III. Série.

23-169714

CDD-378.050981

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Universidades públicas federais :
Política de assistência estudantil :
Educação superior 378.050981

capa: Studio Rotta Design Gráfico

gerência editorial: Vande Rotta Gomide

preparação dos originais: Editora Mercado de Letras

revisão final: das autoras

bibliotecária: Eliane de Freitas Leite – CRB 8/8415

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-lettras.com.br

livros@mercado-de-lettras.com.br

1ª edição

2 0 2 3

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.
É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

*A todos que marcaram minha trajetória e instigaram o desejo
e a inquietação pelo mundo ao meu redor. Aos meus filhos,
Augusto e Martín, dedico este primeiro livro.*
Bruna Surdi Alves

Ao meu filho Raoni.
Laura Regina da S.C.M. da Fonseca

SUMÁRIO

PREFÁCIO	9
Diorge Alceno Konrad	
APRESENTAÇÃO	17
INTRODUÇÃO	
ENTRE A PESQUISA E A PESQUISADORA:	
ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	23
capítulo I	
O ENSINO SUPERIOR NO BRASIL	
E A ASSISTÊNCIA ESTUDANTIL.....	31
capítulo II	
UM BREVE RELATO SOBRE A UFSM.....	47
capítulo III	
ENTRE GREVE E OCUPAÇÃO SE CONSTRÓI	
RESOLUÇÃO!	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	101
REFERÊNCIAS	107

PREFÁCIO

*Diorge Alceno Konrad**

Mas renova-se a esperança.

Nova aurora a cada dia

E há que se cuidar do broto

Pra que a vida nos dê flor e fruto

(Milton Nascimento, em *Coração de estudante*)

Para um garoto nascido em Cruz Alta, RS, com mudanças por Três Passos, Três de Maio, São Borja e Santo Ângelo, mesmo ainda não conhecida, Santa Maria era uma metrópole. Mais do que isto, Santa Maria era o lugar de uma Universidade Federal, sonho quase inalcançável para filhos de trabalhadores, muitas vezes acalentado desde criança.

Foi assim que cresci, almejando-as desde cedo. Morar e estudar em Santa Maria, assim como irmãos mais velhos de meus colegas, pois ficar nas cidades em que residia com meus pais, significava trabalho diário para sustentar uma faculdade privada, se tivesse na cidade em que ora residia.

*

Professor Titular do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Doutor em História Social do Trabalho pela Unicamp.

Para um “filho do Golpe” de 1964, nascido em plena Ditadura, tendo frequentado a escola pública no ensino médio (na época chamado de 2º Grau), já percebíamos que os ataques às escolas públicas eram parte do projeto que a Ditadura consolidou em 21 anos de Terrorismo de Estado. Timidamente comecei a perceber isto quando participei, no início da década de 1980, como observador, do Congresso da União Gaúcha dos Estudantes (UGES). A cidade escolhida foi Carazinho, não à toa, a terra de Leonel Brizola, aquele que, governador do Rio Grande do Sul, havia deixado um legado para a educação no estado, cassado e perseguido após o 31 de março do ano em que nasci.

Pois, no ano seguinte ao Congresso de Carazinho, 1981, minha família estava residindo em São Borja, “Terra dos Presidentes”, de Getúlio Vargas e de João Goulart, este também cassado pelo golpe tirano de menos de vinte anos antes. Ir estudar em Santa Maria continuava o foco nunca desviado.

A decisão só se concretizaria em 1983, no terceiro ano, já residindo em outra cidade Missioneira, acalentado por horas noturnas de estudo na Biblioteca Municipal, somado com os polígrafos pré-vestibulares vendidos em banca. Sim, para filhos de trabalhadores, frequentar o ensino médio na cidade universitária, nas melhores escolas que preparassem para o ingresso na UFSM, era algo mais distante ainda.

Meu irmão, um pouco mais novo que eu, chegou primeiro que eu na UFSM. Eu entraria no ano seguinte, 1985, tendo escolhido o Curso de História, junto com aquela que viria a ser minha companheira de vida, mãe de minha filha, secundarista do Colégio Estadual Manoel Ribas, quando cheguei na “Cidade Cultura”, deslumbrado por aquele “mundo novo”.

Como “se virar” em Santa Maria, mesmo com uma Universidade Pública e Gratuita? O caminho já tinha sido trilhado por meu irmão: moradia estudantil e restaurante universitário, através da “carência”, hoje politicamente incorreta, ou seja, conquistar a condição de “em situação economicamente vulnerável”. Dentro

da Universidade, quem sabe uma “bolsa de trabalho”, talvez uma monitoria (não existia a iniciação científica), o que daria conta das necessidades básicas.

Assim foi o início de minha trajetória acadêmica inicial! Minha não! De milhares de estudantes que tiveram na UFSM a acolhida que mudaria suas vidas. Fui morar na Casa dos Estudantes Universitários do centro, a CEU-1, de onde, entre 1985 e 1989, consolidei minhas convicções pessoais e políticas que não mais mudaram, de militância por várias causas, entre as quais, a Assistência Estudantil, esta iniciada na fila na Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAE), quando fui atrás da “carteirinha de carente”, nos primeiros dias de UFSM.

Já na Universidade, como monitor em História do Brasil, estive na criação da inesquecível Associação dos Bolsistas e Monitores (ABM), entidade que foi presidida por meu irmão, Diomar Adelmo Konrad, então estudante de Comunicação Social – Propaganda e Publicidade, igualmente militante pela Universidade Pública, Gratuita, Estatal e de Qualidade.

Alguns anos depois, em 1994, eis que eu voltaria para a UFSM, já como mestre em História do Brasil. Concursado, seria o último docente da UFSM a entrar no Departamento de História sem doutorado, logo sendo convidado para eventos ou orientações, entre estes: o Seminário sobre Assistência Estudantil (1996); o 1º Seminário da CEU-2, “Os labirintos da UFSM – Movimento Estudantil: resgate histórico e sua importância” (1997); o debate sobre “Movimento Estudantil: um movimento social?” no Nossas Expressões (2009); no debate “Universidade e Movimento Estudantil”, também no Nossas Expressões (2012). Nestes, sempre palestrei sobre o Movimento ou sobre a Assistência Estudantil, talvez a justificativa para ter estado na banca de graduação da autora, bem como para ser convidado a escrever estas linhas.

Como servidor público federal, a convicção forjada na luta estudantil só se consolidou, pois foi ela, a LUTA, que garantiu a mim, a meus colegas, a tantos que conheci, inclusive de vista,

a outros tantos que nem sei quem são, que só é possível realizar sonhos se o Estado lhe garantir a permanência na Universidade. Não basta apenas passar no vestibular, como foi para minha geração, ou outras formas mais democráticas ainda de ingresso (ENEM, SISU), se você não tiver Assistência Estudantil que lhe possibilite chegar até o fim da sua graduação. Foi assim comigo, e não se trata de “ascensão social”, o desejo de muitos, mas de continuar lutando para que o acesso ao ensino superior, um dia, de fato, seja universal.

Nesta trajetória, fui ao doutorado, presidi a Seção Sindical dos Docentes da UFSM (SEDUFMS), coordeno o Práxis – Coletivo de Educação Popular (desde 2003), me tornei professor titular, tenho centenas de bancas e orientandos, mas, como já disse Cecília Meireles, “há pessoas que simplesmente aparecem em nossas vidas e nos marcam para sempre”. Em um destes momentos ímpares, antecedidos por contribuir em algumas partes de minha trajetória acadêmica e militante, tive a graça de ter participado da banca de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Serviço Social, de Bruna Surdi Alves, intitulada A trajetória da Assistência Estudantil da UFSM e a participação do Movimento Estudantil de 1983-2013, defendido em 2014.

Orientada pela minha colega de lutas, Laura Regina Fonseca, futura presidenta de nossa Seção Sindical, antes dirigente da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUNB), entre 1996 e 1998, também tinha na banca outra referência da causa, o professor José Francisco Silva Dias, o Juca, que havia sido Pró-Reitor de Assuntos Estudantis da UFSM a partir de 2006, numa galeria que teve, entre outros, hoje amigos, Aldema Menini Mckinney (Trindade), João Luiz Roth (o Titi), João Batista Dias de Paiva e Clayton Hillig. Pois foi na PRAE que igualmente conheci Tânia Maria Flores, na Pró-Reitoria desde antes que entrei na graduação até os dias atuais, querida colega que muito nos ensinou sobre a sempre necessária política de Assistência Estudantil como uma das conquistas essenciais para o exercício da cidadania no interior das Universidades. Junto com Tânia, na PRAE da UFSM

vieram outras defensoras desta mesma concepção, como a Márcia Cerdote Pedroso, a Márcia Almeida, entre outros e outras e, mais recentemente, a própria Bruna Surdi Alves.

Assim, o convite para prefaciá-lo este livro, não foi apenas uma honra, mas uma convocação, uma tarefa, que nunca chegará à altura do texto que o leitor terá pela frente.

A quem interessar, simplesmente a UFSM tem um conjunto de moradia estudantil que está entre as maiores da América Latina. Assim, apenas pela Assistência Estudantil, a temática desta obra já é mais que justificada. Mas a autora não fica apenas na política oficial da Universidade. Ela se dirige para o protagonismo no Movimento Estudantil para estas conquistas.

Com base teórica no método dialético do materialismo histórico de Karl Marx e Friedrich Engels, o texto flui por outras referências imprescindíveis que navegam de Lênin a Foucault, de Minayo a Ludke e Prates, de Gadotti a Gohn, entre outras tantas, perfeitamente conectadas com documentação oriunda de normativas institucionais (como as resoluções, atas e pareceres de regulamentação das Moradias Estudantis), prescrutando sempre a posição do Movimento Estudantil, através de sólida pesquisa nos arquivos do Departamento de Arquivo Geral (DAG) da UFSM, na Secretaria dos Conselhos Superiores e da PRAE, assim como as fontes da CEU-2, esta localizada no campus central da UFSM, e os arquivos do Diretório Central dos Estudantes (DCE).

Mostrando como a assistência estudantil se desdobrou no processo de consolidação do ensino superior no Brasil, o leitor não apenas terá uma visão de síntese da Educação no Brasil, desde o tardio surgimento de universidades, num país de extrato colonial e escravista, até a expansão do ensino superior, desde os tempos de Getúlio Vargas, consolidada nos governos de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, como o Programa Universidade Para Todos (PROUNI), de 2005, e o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), desde 2007, sem deixar de atentar para os processos traumáticos das

políticas deletérias e de lógica privatista contra a Educação Pública, proporcionadas pela Ditadura Civil-Militar (1964-1985) ou pelo ascenso neoliberal de governos recentes.

Neste diapasão, Bruna nos apresenta a trilha do que ela chama de mecanismos para a operacionalização do artigo 206 da Constituição Federal de 1988, no qual estão estabelecidos os princípios sob os quais o ensino deve ser ministrado, como a “igualdade de condições para o acesso e permanência na escola”, articulando-os com as lutas por políticas públicas para a construção de uma política de Assistência Estudantil, “voltada à permanência destes sujeitos nas instituições de ensino, a partir da garantia de igualdade de condições”, consolidada na Portaria Normativa nº 39 (12 de dezembro de 2007), que criou o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), estabelecendo que a prioridade era para a moradia estudantil, a alimentação, o transporte, a atenção à saúde, a inclusão digital, a cultura, o esporte, a creche, o apoio pedagógico e o acesso, a participação e a aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação. Ou seja, as demandas históricas dos movimentos sociais e sindicais, entre elas o Movimento Estudantil, particularmente através da organização do Movimento de Casas do Estudante (MCE) e a Secretaria Nacional de Casas do Estudante (SENCE), conquistando, na letra da Lei, a tradução de que a assistência estudantil só se consolida com políticas públicas de permanência.

Pois foi através destes movimentos que, no interior da trajetória da própria UFSM, também resumida pela autora, de onde saíram, ainda em 1963, o primeiro Restaurante Universitário (RU), no prédio da hoje Antiga Reitoria, na Rua Floriano Peixoto, e a primeira Casa do Estudante Universitário, situada na Rua Professor Braga, no centro de Santa Maria, justamente onde eu viveria parte da minha vida.

Assim, sai em boa hora o livro de Bruna Surdi Alves, especialmente numa conjuntura de tantos ataques à Universidade

Pública e Estatal, sobretudo para sabermos o que está sendo ameaçado. Uma história de conquistas, que deixou a Universidade Brasileira com cores diversas, na contramão do que sempre quiseram a maioria das classes dominantes e seus filhos. Uma história de conquistas que, em cada greve estudantil, em cada ocupação de reitoria, em cada ocupação de blocos para que os mesmos tivessem suas construções concluídas, em cada passeata ou ato, em cada atividade cultural ou política na União Universitária ou nas salas e quartos das Casas, muitas delas mostradas neste livro pela autora, só demonstrando que o pujante movimento dos estudantes ajuda na conquista, cotidiana, da transformação estrutural que ainda o Brasil e o mundo precisam e necessitam. Insisto: até que o acesso ao ensino superior seja UNIVERSAL!

Bom caminho de leitura pela frente, pois em cada palavra, em cada frase, em cada parágrafo de Bruna Surdi Alves pulsa igual militância por esta causa, mas no sentido dado por Paulo Freire em Pedagogia da esperança, de que “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.

APRESENTAÇÃO

A construção desta obra tem, sobretudo, um caráter militante. É resultado de esforços de anos de militância e dedicação à pauta da assistência estudantil. A pesquisa que fundamenta este livro foi desenvolvida ao final do processo de formação em Serviço Social, ao longo do ano de 2014. Este foi um dos trabalhos finais fruto da primeira turma de bacharéis em Serviço Social, formados pela UFSM, sendo um curso oriundo do REUNI.¹ As trajetórias, tanto da estudante, quanto da docente, são atravessadas pelas políticas públicas que marcaram o Ensino Superior nas últimas décadas, sejam pela expansão ou pela permanência estudantil, nossas vidas pessoais, acadêmicas e profissionais estão intimamente ligadas ao contexto desta pesquisa.

Ao longo do período que separa a produção desta pesquisa e este momento, em que temos a possibilidade de lançá-la como livro, ocorreram mudanças e reviravoltas políticas importantes no cenário político nacional e consequentemente no âmbito das políticas públicas de educação. Em dezembro de 2014 respirávamos aliviados pela vitória do campo popular no segundo turno das

1. Programa de Apoio à Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais.

eleições presidenciais, já sentíamos as investidas e possibilidade de cortes e restrições orçamentárias.

Entretanto, no intervalo de menos de dois anos, acompanhamos, estarecidos, o processo de impeachment (foi golpe!) da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) em agosto de 2016, levando ao poder um grupo político golpista, que em pouco tempo conseguiu promover retrocessos severos nas políticas sociais. A esperança de mudança foi presa junto ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em abril de 2018, o que levou à ascensão de um governo regido por um discurso de aversão às pautas democráticas e ao Estado de direitos.

O cenário é de desmonte das políticas públicas e sociais e o aprofundamento da desigualdade de classes. A pandemia mundial, deflagrada no início de 2020, tendo como protagonista a infecção Coronavírus (COVID-19), uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2, levou à quase paralisação da economia mundial. Esperava-se que as medidas mais restritivas durassem algumas semanas, mas infelizmente, durou muitos meses, levando ao fechamento de milhões de postos de trabalho, restringindo diversas áreas da economia.

De acordo com Iamamoto (2010, p.28), a questão social “[...] sendo desigualdade é também rebeldia, por envolver sujeitos que vivenciam as desigualdades e a ela resistem e se opõem”. No campo da educação superior, frente a este cenário, os movimentos sociais têm pautado a precarização e desmonte do Ensino Superior público, principalmente após a aprovação da PEC 55/2016, que fixou teto de gastos públicos e congelou investimentos em Saúde e Educação por até vinte anos.

Do ponto de vista da produção teórica e sistematização de experiências, a pesquisa, que embasa esta obra, levantou dados e realidades sobre a Assistência Estudantil na UFSM a partir da década de 80 até o ano de 2013, trazendo à tona um aspecto pouco levado em conta: a participação dos estudantes nas conquistas e expansão desta área na Universidade.

Ademais, sendo a participação social eixo estruturante na consolidação de políticas públicas no Brasil, acredita-se ser este um estudo de grande relevância, principalmente para o segmento estudantil que tem parte de sua história resgatada e para a instituição que tem a oportunidade de retomar subsídios, que podem vir a auxiliar seu processo de gestão e planejamento.

Diaz Bordenave assinala que “a participação tem duas bases complementares: uma base afetiva – participamos porque sentimos prazer em fazer coisas com outros - e uma base instrumental - participamos porque fazer coisas com os outros é mais eficaz e eficiente que fazê-las sozinhos” (Diaz Bordenave 2013, p. 16).

O campo do Serviço Social tem acumulado acerca do tema dos movimentos sociais e a participação social na proposição de políticas públicas. Por estar intimamente ligado à relação sujeitos-Estado, o profissional assistente social é elemento chave em todos os processos de construção, implementação e avaliação de políticas públicas e sociais.

O valor ético norteador do projeto ético-político profissional do assistente social é a liberdade, o que leva a afirmar o compromisso com a autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais. A sua proposta é contribuir na construção de um projeto societário alternativo, que busca a superação das formas de exploração e de dominação de classe, etnia e gênero. (Boschetti e Teixeira 2004, p. 4)

Boschetti e Teixeira (2004) destacam a importância do projeto societário que embasa o Projeto Ético Político Profissional do Serviço Social. É a partir dessa visão de homem e de mundo, que este trabalho se propõe a duas questões centrais: evidenciar a constituição da assistência estudantil da UFSM e visibilizar o movimento estudantil enquanto sujeito coletivo, na sua relação com a trajetória institucional.

Ao longo do estudo são apresentadas categorias de análise muito diversas e amplas, agrupadas em quatro principais: a assistência estudantil, o movimento estudantil, a política pública de educação e a participação social. Para que seja possível o desenvolvimento desta trajetória sem que se percam processos históricos importantes e, ao mesmo tempo, que seja possível perceber cada uma destas categorias em constante interação, temos o método dialético em Karl Marx.²

Para facilitar a compreensão das categorias de análise, em si, e sua interação ao longo do período de 1983 a 2013, organizamos este trabalho em três capítulos e a introdução, apresentando os elementos metodológicos. Para prefaciar esta obra convidamos o prof. Diorge Alceno Konrad, docente do Departamento e Programa de Pós-graduação em História da UFSM e companheiro de lutas. Esteve presente em nossa banca de apresentação do trabalho de conclusão de curso, e nos brindou com suas contribuições. Sua trajetória como estudante, professor e militante, assim como as nossas, está atravessada pelas lutas estudantis e por isso, não imaginamos alguém mais qualificado para abrir nossas discussões.

Após o prefácio, na primeira parte do trabalho, responsável pela introdução do método e da metodologia empregados na pesquisa, são apresentados o método dialético em Marx e a técnica de coleta dos dados baseando na metodologia de pesquisa qualitativa proposta por Minayo (2009). O primeiro capítulo apresenta uma síntese da educação superior no Brasil até meados de 2014, bem como dispõe dos conceitos e autores utilizados para definir assistência estudantil e movimento estudantil. Em seguida,

2. Para Paulo Netto (2011), “de fato, pode-se circunscrever como os problemas centrais da pesquisa marxiana a gênese, a consolidação, o desenvolvimento e as condições de crise da sociedade burguesa, fundada no modo de produção capitalista. Esta pesquisa, de que resultarão as bases de sua teoria social, ocupará Marx por cerca de 40 anos [...] e pode-se localizar o seu ponto de arranque nos Manuscritos econômico-filosóficos de 1844 e sua culminação nos materiais constitutivos d’O capital (Marx 1994 e 1968-1974)”.

no segundo capítulo discorremos brevemente sobre a instituição ao qual este trabalho se debruça, a Universidade Federal de Santa Maria e, também, sobre a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), no que tange os aspectos normativo-legais. O terceiro capítulo é o principal e mais denso deste trabalho, pois abarca a sistematização dos dados e a análise documental, que é o propósito da pesquisa. Está dividido em quatro subitens de acordo com as décadas-referência, onde são detalhados os principais fatos que envolvem a assistência estudantil e o movimento estudantil na UFSM. Ao final da obra, tecemos algumas considerações para finalizar a discussão apresentada a partir desta pesquisa.

Ressalta-se, que este trabalho apresenta relatos e documentos referentes às gestões do DCE – Diretório Central dos Estudantes e das Diretorias das CEUs – Casas do Estudante Universitário da UFSM, em específico no campus-sede em Santa Maria. Além disso, nos desafiamos a estudar a participação destes estudantes compreendendo a conjuntura política e a relação entre os grupos políticos que disputam este campo político no período de 1983 e 2013.

Este trabalho não é estanque, nem esgota em si, mas sim, representa o pontapé para uma sistematização mais detalhada acerca da trajetória da Assistência Estudantil, seja no âmbito institucional ou no âmbito do movimento de estudantes.

*Apenas a mais consciente das ações
coletivas poderá livrá-los dessa grave
e paralisante situação.*
Mészáros³

3. Mészáros, István. *A educação para além do capital*. 2ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2008, p. 45.